

- TERMOS DO SISTEMA DE TURISMO SUBSISTEMA DA DEMANDA -



ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS TURISTAS¹

O termo estratificação é aqui usado para designar as diversas categorias ou classes sociais e econômicas que participam da demanda por turismo. Essas diversas classes socioeconômicas comumente justapõem-se à semelhança da pirâmide social, propiciando, assim, a possibilidade de dividir essa demanda em estratos, adotando a terminologia já consagrada que a denomina simplesmente "Turismo".

1. TURISMO DE CLASSE "ALTA", DE "ELITE" OU "ALTO TURISMO": É o que é feito pelas classes sociais economicamente privilegiadas, que vão responder diretamente pelo desenvolvimento da prática de Turismo, pelas seguintes razões: têm considerável estabilidade econômica, constituem uma elite privilegiada; provocam o fenômeno do mimetismo nas demais classes sociais; descobrem e desenvolvem novos pólos de atração turística, criando a necessária infra-estrutura básica, em pequena escala, de acesso, equipamentos e serviços turísticos, favorecendo o Turismo de massa pelo efeito de substituição dos núcleos receptores tradicionais de elite, quando se tornam saturados pelo processo de ocupação desordenada, especulações imobiliárias e consequentemente massificação da oferta e da demanda, aliada à perda do prestígio. Em face das principais variáveis da demanda por Turismo observa-se que há um maior dispêndio no custo-dia com consumo de serviços e equipamentos mais sofisticados, como a utilização de meios de transporte mais rápidos, de serviços exclusivos de agências de viagens, com percursos mais longos e permanência mais prolongada nos núcleos receptores visitados, ocupação de hotéis mais seletos de cinco e quatro estrelas, maior nível de gastos supérfluos, frequência maior de viagens com distribuição temporal bastante regular durante todos os

meses do ano, indiferença pelo nível de preços das tarifas dos transportes e dos equipamentos e serviços no núcleo receptor. Em suma, a independência econômica permite a essa classe eleger livremente datas de saída, permanência e retorno em diferentes alternativas de viagem.

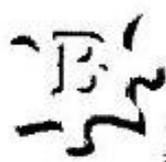
2. TURISMO DA "CLASSE MÉDIA", "GRANDE TURISMO" OU "TURISMO DE MASSA":

Sob todos os aspectos é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida tanto nos fluxos internacionais como no interno, porquanto reúne os estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam da relativa disponibilidade de meios econômico-financeiros, contando com subvenções ou poupanças próprias. Este estrato de demanda por Turismo, é o agente de substituição dos núcleos tradicionais de elite e consequentemente o incentivador e propulsor da expansão da infra-estrutura de equipamentos e serviços turísticos nos núcleos receptores, gerando dessa forma um consumo de equipamentos e serviços em larga escala. Considerando ainda as variáveis da demanda por Turismo verificam-se, em geral, gastos moderados no custo-dia com consumo de serviços e equipamentos de primeira categoria, mas não de luxo, utilização de meios de transporte mais econômicos com serviços incluídos nos pacotes comercializados pelas agências de viagens, com percursos mais curtos e permanência menos prolongada nos núcleos receptores visitados, menor nível de gastos supérfluos restringindo-se aos que atendem às necessidades básicas, caráter estacional coincidindo com a época de férias, ocupação de hotéis de nível médio de três a duas estrelas, ampla utilização do sistema de crediário para o financiamento da viagem.

¹ Estas informações estão originalmente registradas em: BENI, Mário C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo, Editora do SENAC de São Paulo, 1998.

3. TURISMO "POPULAR" ou TURISMO "SOCIAL": Vários autores usam a expressão "turismo social" para denominar as características desse estrato da demanda, o que invariavelmente leva o leigo a confundir-lo com o turismo de massa, visto que este representa o maior segmento social no mercado de Turismo, o que em parte se justifica. A melhor denominação no caso seria "turismo socializado", por suas próprias características. Entende-se por turismo socializado aquele que é fomentado com o objetivo de facilitar o turismo interno das classes menos favorecidas economicamente. Esse estrato da demanda somente poderá ser viabilizado em grandes proporções com a decisiva intervenção do Estado, sem objetivos de lucro e recuperação dos investimentos. Para a implantação de projetos de turismo socializado, serão necessários equipamentos e instalações especiais de baixo custo unitário, planejados em economia de escala com base na alta ocupação dos serviços durante o maior tempo possível; e programas de redução de tarifas de transporte, a serem subsidiados pelo Estado, para facilitar o deslocamento das áreas receptoras especialmente escolhidas para esse segmento social. Paralelamente à ação do Estado, os sindicatos de distintas categorias profissionais e associações de classe também poderiam planejar e desenvolver programas de turismo socializado, implantando em áreas pré-selecionadas

equipamentos básicos como colônias de férias e centros de recreação e lazer. No turismo socializado, devemos considerar três segmentos sociais: os jovens, as pessoas idosas, os deficientes e inválidos, e os trabalhadores que recebem até cinco salários mínimos em média. Esses segmentos utilizarão os equipamentos básicos referidos anteriormente, com algumas adaptações às suas peculiaridades. No Brasil, notam-se iniciativas isoladas de empresas e associações de classe, voltadas ao fenômeno do turismo socializado, ao passo que a vasta maioria preocupa-se tão somente em intensificar o desenvolvimento do turismo de massa ou comercial, eis que este garante retorno rápido dos investimentos do setor. Podemos afirmar a inexistência de uma política que vise especificamente atender às classes populares na prática do turismo. Por outro lado, é inegável a existência de uma demanda latente, mesmo reconhecendo as dificuldades para quantificar-se com exatidão as necessidades da população menos favorecida, em termos de férias e de lazer. Pode-se avaliar a escala da demanda partindo-se do pressuposto de que a demanda potencial cresce rapidamente sob o efeito de alguns fatores conhecidos como crescimento demográfico, aumento da taxa de urbanização, do tempo livre, do nível de informação cultural e alterações na estrutura da composição da pirâmide etária.



VOCAÇÃO TURÍSTICA DO NÚCLEO RECEPTOR

A demanda por Turismo apresenta ainda uma especificidade própria, consoante às diversas motivações, necessidades e preferências dos turistas pelo principal produto permanente ou eventual, que imprime ao Núcleo Receptor sua vocação turística e seu conseqüente poder de atração, permitindo-lhe uma afluência autodeterminada ou dirigida. Decorrem daí vários tipos de Turismo.

1. CIENTÍFICO: Refere-se ao deslocamento de turistas potenciais que se dirigem a grandes centros universitários com manifesta atuação no setor de pesquisa e desenvolvimento.

2. CLIMÁTICO E HIDROTERMAL: Referem-se ao deslocamento de turistas a núcleos receptores

cujos principais produtos turísticos são constituídos pela qualidade terapêutica do clima, das águas e termas.

3. CONGRESSUAL: Demanda específica de turistas potenciais que se destinam a núcleos receptores eleitos para a realização de congressos e seminários de distintos assuntos ou especialidades. A principal característica deste tipo de turismo é a viagem em grupos organizados, portanto com maior solicitação de equipamentos e serviços.

4. CULTURAL: Refere-se à influência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representado a

partir do patrimônio e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte.

5. DESPORTIVO: Refere-se ao deslocamento de turistas aficionados das distintas modalidades de esportes, que afluem a núcleos esportivos tradicionais com calendários fixo de eventos ou a núcleos que eventualmente sediaram olimpíadas, competições e torneios. Nesse caso, o principal produto turístico é o esporte.

6. EMPRESARIAL OU DE NEGÓCIOS: Deslocamentos de executivos e homens de negócios, portanto, turistas potenciais, que afluem aos grandes centros empresariais e cosmopolitas, a fim de efetuarem transações e atividades profissionais, comerciais e industriais, empregando seu tempo livre no consumo de recreação e entretenimento típicos desses grandes centros, incluindo-se também a freqüência a restaurantes com gastronomia típica e internacional.

7. FOLCLÓRICO E ARTESANAL: Refere-se à demanda específica por áreas receptoras em que se realizam periódica ou ocasionalmente festividades de cultura popular, com eventos e manifestações tipicamente folclóricos, combinados na maioria das vezes com exposições e feiras de produtos artesanais e semimanufaturados.

8. JOGO: Apesar de alguns planejadores entenderem que o jogo organizado constitui fator importante do processo de expansão da demanda por Turismo, entendemos que ele é apenas uma dentre as muitas alternativas da oferta de entretenimento; desta forma,

conceitualmente labora em erro quem afirma que o jogo é atração turística. É claro que em torno desta atividade giram grandes interesses econômicos e invariavelmente, dado o alto nível de renda de seus praticantes, cria-se uma estrutura de apoio e equipamentos altamente sofisticados, com diversificada oferta de recreação e de entretenimento de elevado custo. A inclusão deste tipo de demanda justifica-se pelo fato de a moderna tendência considerar o jogo como objeto de discussão de projetos de sua reimplantação nesta país, como incentivador da criação de novos pólos turísticos.

9. PAISAGÍSTICO: Refere-se à demanda por núcleos receptores cujo principal produto turístico é a paisagem, os aspectos cênicos da natureza, compreendendo-se daí todos aqueles locais em que características geográficas, ecológicas e mesológicas, combinadas, constituem o principal fator de atração.

10. RELIGIOSO: Refere-se ao grande deslocamento de peregrinos, portanto turistas potenciais, que se destinam a centros religiosos, motivados pela fé em distintas crenças. Este tipo de demanda tem características únicas levando-se, por isso, alguns autores a não considerá-lo nos estudos de Turismo. Mas, em nosso entendimento, conforme já referido, esses peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos e serviços com uma estrutura de gastos semelhante à dos turistas reais. A variável de permanência, no caso, estará intimamente ligada ao tempo de duração das cerimônias, ritos e celebrações religiosos.



CARACTERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS FLUXOS TURÍSTICOS

Passa-se a apresentar a terminologia e definições dessas classes, a fim de permitir sua instrumentação operacional lógica e ordenada para a observação sistemática do fenômeno turístico e realização de pesquisas com a necessária fundamentação teórica e prática, levando à compreensão global do fato turístico.

1. TRÁFEGO TURÍSTICO: Todo e qualquer deslocamento de um conjunto de turistas que se movimenta multidirecionalmente em diversos espaços geográficos de vários pontos de emissão a múltiplos pontos de recepção.

2. FLUXO TURÍSTICO: Todo e qualquer deslocamento de um conjunto de turistas que se movimenta de uma direção a outra, unidirecionalmente, num contexto espaço-temporal delimitado, com um ponto comum de emissão e ou um ou vários pontos de recepção.

2.1 FLUXO TURÍSTICO RECEPTIVO: É um conjunto de turistas estrangeiros ou nacionais que afluem a uma determinada área geográfica receptora para ali permanecer por um tempo limitado. Este fluxo pode ser dividido em dois tipos: o internacional e o nacional, também

denominado fluxo interno. Esta divisão está sendo proposta para melhor quantificar e caracterizar os dados estatísticos segundo as fontes de origem e destino.

2.1.1 FLUXO TURÍSTICO RECEPTIVO INTERNACIONAL INTERCONTINENTAL: É aquele que se processa por estrangeiros através de deslocamentos de um país a outro de continentes diferentes. Pode-se considerar este tipo de fluxo como o mais complexo de todos, pois envolve diversos e múltiplos aspectos, tais como: políticos, econômicos, sanitários e sociais.

2.1.2 FLUXO TURÍSTICO RECEPTIVO INTERNACIONAL CONTINENTAL: É o que se processa por estrangeiros de um país a outro dentro do mesmo continente. Este tipo de fluxo, embora com características semelhantes ao anterior, realiza-se de maneira mais fácil em virtude da existência, hoje, de áreas geográficas internacionais que constituem mercados de interesses comuns. Nessas áreas, verifica-se um sistema de cooperação econômica, que vem auxiliar o deslocamento de turistas, minimizando-lhes os procedimentos referentes à documentação legal, ao câmbio de moedas nacionais, e outros alfandegários e de transporte. Têm-se como exemplos a União Européia (Mercado Comum Europeu), o mercado constituído pelos países do Sudeste Asiático e, mais recentemente, o Mercosul, composto pelos países do Cone Sul e outros deste Continente. Esse tipo de fluxo assume fundamental importância econômica, porque é por meio dele que se obtém o ingresso de divisas, fator importante para o equilíbrio do balanço de pagamentos, em especial para os países em desenvolvimento. Contribui também para um maior intercâmbio de técnicas e processos pessoais, além de incentivar o conagraçamento dos povos.

2.1.3 FLUXO TURÍSTICO RECEPTIVO NACIONAL OU FLUXO TURÍSTICO INTERNO: É aquele que se processa pelos habitantes de um mesmo país dentro de seus limites. Este fluxo gera um efeito multiplicador das atividades dos três setores da economia, com mais intensidade nos pólos não-tradicionais de atração turística. Traz também, por não haver barreiras alfandegárias, uma maior circulação da moeda, favorecendo o surgimento de novos

mercados de trabalho. Essa classe de fluxo turístico é a mais significativa para o desenvolvimento turístico de um país, pois será através de seus efeitos que se atingirá o ponto de equilíbrio entre a oferta básica de serviços e equipamentos e o atendimento efetivo da demanda nacional, com a conseqüente consolidação do mercado interno de Turismo, condição imprescindível para a conquista do mercado turístico internacional. Propõe-se aqui também uma divisão segundo as fontes de origem e destino para melhor caracterizar esta classe de fluxo.

2.1.3.1 FLUXO TURÍSTICO RECEPTIVO REGIONAL: É o conjunto de turistas que se desloca de uma região a outro do mesmo país. É realizado com mais freqüência em países de grandes extensões, onde existem áreas geográficas extremamente diferenciadas entre si por variadas formações culturais, geomorfológicas, climáticas, de flora e fauna, como ocorre, entre outros, nos Estados Unidos, CEI (ex-União Soviética), China e Brasil. Esta segmentação estatística do fluxo regional em relação ao nacional é importante na medida em que demonstra a aflluência menor ou maior para determinadas regiões no sentido de melhorar o país, orientar a ordenação da ação governamental na prática de Turismo e nos investimentos do setor privado.

2.2 FLUXO TURÍSTICO EMISSIVO: É o conjunto de turistas estrangeiros ou nacionais que parte de uma determinada área geográfica emissora para uma ou várias áreas receptoras. Também aqui se propõe que este fluxo seja dividido em duas classes: internacional e nacional ou interno.

2.2.1 FLUXO TURÍSTICO EMISSIVO INTERNACIONAL INTERCONTINENTAL: É aquele que se processa pela saída de residentes de um país a outro, de continentes diferentes. A característica principal deste tipo de fluxo é econômica e traduz-se pela evasão de divisas. Nos países desenvolvidos este fator é atenuado pela estabilidade de suas moedas nacionais, bem como pelo relativo equilíbrio de seus respectivos balanços de pagamento. Algumas exceções, porém fogem a essa regra, como por exemplo: Espanha, Portugal e Itália, no âmbito do Mercado Comum Europeu.

Por outro lado, a referida característica faz-se sentir com maior impacto nos países subdesenvolvidos, onde as autoridades constituídas procuram desincentivar a saída de turistas e, conseqüentemente, de suas divisas, que poderiam gerar um déficit ainda maior das contas nacionais. Um exemplo típico aconteceu no Brasil, quando foi instituído pela autoridade econômica o depósito compulsório, inibindo, assim, as viagens ao exterior. Essas medidas de controle sobre a saída de turistas, por mais que sirvam para proteger uma determinada política econômica oficial, tendem a não perdurar por muito tempo, uma vez que se opõem, primeiro, ao direito de livre trânsito do homem e, em segundo lugar, por ferir e comprometer as relações do mercado turístico internacional. Há que se destacar aqui um fato quase sempre negligenciado pelos analistas econômicos, qual seja, o de o Turismo representar um fluxo econômico independente dos fatores político-econômicos que possam vir a ocorrer numa determinada situação conjuntural de um dado país. Sim, porque qualquer retração do mercado turístico emissor causará reflexos no conseqüente fluxo receptor, e vice-versa, gerando um sério comprometimento no desenvolvimento do mercado turístico. Tomando como exemplo ainda o caso brasileiro, além do depósito compulsório foram adotadas outras medidas de restrição cambial e gestão de procedimentos e operações típicas do mercado de viagens, impedindo as operadoras de turismo de remeter o correspondente pagamento de equipamentos turísticos ao exterior, constantes de pacotes comercializados por antecipação no mercado nacional. Esse fato provocou reações extremamente negativas no mercado turístico internacional.

2.2.2 FLUXO TURÍSTICO EMISSIVO INTERNACIONAL CONTINENTAL: Processa-se pela saída de residentes de um país a outro do mesmo continente. Suas características assemelham-se às do anterior.

2.2.3 FLUXO TURÍSTICO EMISSIVO NACIONAL OU INTERNO: É aquele que se processa pelo deslocamento de residentes do país para centros de atração turística dentro de seus próprios limites. Esse tipo de fluxo é o que

mais deve ser incentivado por permitir maior circulação da moeda, fomento das áreas potenciais de vocação turística com conseqüente incremento da oferta de equipamentos e serviços. Para que o fluxo interno de um país considerado massificado, o critério adotado pelo OMT (Organização Mundial do Turismo) é que sua taxa de partida em férias corresponda a 30% da população residente. Lamentavelmente, o Brasil não chega a atingir nem um terço desse nível, o que por si só denota um amplo campo de desenvolvimento a ser atingido. Sob esse aspecto, podemos considerar o país como um grande vazio, que concentra em alguns pontos privilegiados seu tráfego turístico interno.

2.2.4 FLUXO TURÍSTICO EMISSIVO REGIONAL: É aquele que se processa pelo deslocamento de residentes de uma determinada região para centros de atração turística dentro dessa mesma região. Essa subdivisão é proposta pelas razões já mencionadas na caracterização do fluxo turístico receptor regional.

2.3 FLUXO TURÍSTICO ITINERANTE: Processa-se pelo deslocamento de turistas que se destinam a um ou mais núcleos receptores, não permanecendo nesses locais por mais de 12 horas, isto é, não gerando a possibilidade de pernoite. As pesquisas sobre "Demanda de Turismo" (BENI, 1998) demonstram que a permanência média desse tipo de fluxo não ultrapassa o limite de 6 horas em cada núcleo receptor visitado. Esses turistas, pelo próprio termo de permanência, pouco solicitam os equipamentos e serviços, limitando-se à procura de instalações de alimentação e recreação, e à aquisição de produtos típicos da localidade. Como exemplo típico deste fluxo citamos o turismo feito na região das cidades históricas próximas da Grande São Paulo, tendo como principal centro emissor a cidade de São Paulo e como receptor a de Itu. O mesmo exemplo ocorre quando se toma como ponto referencial a capital Belo Horizonte em relação às cidades barrocas do circuito histórico de Ouro Preto.

2.4 FLUXO TURÍSTICO DE ESTADA: Processa-se pelo deslocamento de turistas que se destinam a um ou mais núcleos receptores, aí permanecendo por mais de 24 horas, gerando, portanto, um pernoite ou estada.

2.4.1 FLUXO TURÍSTICO DE ESTADA FÉRIO-SEMANAL: Refere-se aos turistas que permanecem numa dada área receptiva em fins de semana ou em feriados prolongados (ponte). As pesquisas apontam que a média de tempo de permanência para este tipo de fluxo gira em torno de três a seis dias, raramente ultrapassando oito dias para o turismo interno. Com relação ao turista internacional, o período de estada independe quer de fins de semana, quer de feriados prolongados, e sua permanência na área, conforme também assinalam as pesquisas, não chega a ultrapassar quatro dias para cada núcleo receptor visitado num determinado país. A estrada sempre implica a solicitação de alojamento e serviços, como também o consumo em instalações de alimentação e recreação. Conseqüentemente, os gastos do turista são acrescidos, além do preço do transporte no deslocamento, dos custos decorrentes da permanência dilatada, com as diárias de alojamento, maior número de refeições, utilização de oferta variada de equipamentos recreativos e compras diversas. Exemplo: para estabelecer uma comparação bem nítida com o fluxo itinerante o caso do mesmo turista integrante de uma excursão às cidades históricas mineiras, que têm Belo Horizonte como ponto de convergência, estada e distribuição do fluxo. Estatisticamente, o turista dessa excursão, se fosse entrevistado em Ouro Preto, seria caracterizado como turista itinerante em relação a essa cidade, e se fosse em Belo Horizonte, seria como turista de estada fêrio-semanal.

2.4.2 FLUXO TURÍSTICO DE ESTADA FÉRIO-MENSO-ESTACIONAL: Refere-se aos turistas que permanecem numa dada área receptora por tempo superior a uma semana, geralmente em suas férias de verão ou inverno. Como os preceitos legais vigentes no Brasil, outorgam a todo o trabalhador de vinte a trinta dias de férias anuais, toma-se esse período como limite de permanência para esta classe de fluxo. Os componentes de solicitação de equipamentos e de serviços e a estrutura de gastos são ainda maiores que os do anterior, tendo em vista o tempo maior de permanência na área receptora. Para certas categorias profissionais existe uma incipiente infra-estrutura de equipamentos e serviços, como algumas

colônias de férias ou hotéis conveniados com características mais econômicas. Para os turistas que dispõem de recursos próprios, os alojamentos convencionais, representados pelos hotéis existentes, são a alternativa que resta, mas não estando ao alcance de sua capacidade aquisitiva são pouco solicitados. Isso compromete a expansão do mercado nacional do Turismo, e faz que esse estrato populacional bastante significativo deixe de fazer o turismo tradicional e oriente suas economias no sentido de locar casas e apartamentos nos pólos turísticos tradicionais de férias, onde se concentra o fluxo turístico sedentário residencial. Esse mercado de locação de alojamento residencial vem crescendo significativamente e já está a exigir um estudo particularizado, até porque é um fator decisivo de indução à aquisição da segunda residência. No outro extremo da pirâmide social observa-se a repetição desse mesmo fenômeno, mas por abundância de recursos a serem investidos.

2.5 FLUXO TURÍSTICO DE SEDENTÁRIO-RESIDENCIAL: Processa-se pelo deslocamento de turista que se destinam predominantemente a um núcleo receptor, aí permanecendo quase sempre por tempo indeterminado. Pela própria conceituação, depreende-se que uma das principais características deste tipo de fluxo é a sedentariedade. Essa característica, por sua própria natureza, determina uma afluência turística razoavelmente uniforme, não se verificando uma maior renovação da demanda e conseqüente diversificação da oferta. Observam-se em vários centros de polarização turística, notadamente nas áreas litorâneas, a ausência de uma política de ocupação racional do espaço e a falta de um órgão controlador, aliadas à caótica especulação imobiliária. A falta de tal planejamento e controle vem acarretando problemas de saturação e de declínio desses centros receptores, não possibilitando, sem os achados de pesquisa dirigida, o redirecionamento da demanda e conseqüente reordenação da oferta de equipamentos e serviços. Outro fator que influi marcadamente na caracterização deste tipo de fluxo é a posse, pelo usuário freqüente dos referidos núcleos, de sua própria instalação de alojamento que, na grande maioria das vezes, passa a se constituir sua segunda residência.

2.5.1 FLUXO TURÍSTICO SEDENTÁRIO-RESIDENCIAL-FÉRIO-SEMANAL: Refere-se a turistas que se dirigem a um núcleo receptor e permanecem nele em fins de semana e feriados prolongados. De novo, as pesquisas destacam que a média de permanência para este tipo de fluxo gira em torno de dois dias, excepcionalmente atingindo três a quatro. A primeira média verifica-se predominantemente em fins de semana, o que já se torna quase tradicional para aquele segmento social que possui a segunda residência, quer no campo, quer no litoral. Incluem-se também nessa classificação os praticantes do campismo, que se destacam como uma nova categoria de turista com participação efetiva e importante na formação e desenvolvimento de novos núcleos receptores a demandar todo um planejamento de acesso a locais especialmente projetados e dotados de toda infra-estrutura necessária. Os equipamentos e serviços mais solicitados, no caso, referem-se aos complementares de recreação e eventualmente de alimentação. Com relação à estrutura de gastos, esta atém-se às despesas de manutenção e de subsistência, principalmente, acrescida dos dispêndios decorrentes do deslocamento.

2.5.2 FLUXO TURÍSTICO SEDENTÁRIO-RESIDENCIAL-FÉRIO-MENSO-ESTACIONAL: Assemelha-se fundamentalmente à classe anterior, com exceção das variáveis "permanência" e "gastos". As pesquisas destacam ainda que a média de permanência desta classe

de fluxo é de quinze a vinte dias, chegando, raras vezes, a um tempo superior a 25 dias. Os núcleos receptores de predominância desse fluxo recebem maior afluência nas férias de inverno ou de verão, que geralmente coincidem em algumas regiões brasileiras com a época das férias escolares. Debate-se amplamente a questão da revisão do período de férias escolares tendo em vista que, no caso do Brasil, de dimensões vastas e de ampla diversificação geográfica e climática, a característica de sazonalidade não apresenta igual correspondência em todas as suas regiões. Este fluxo era quase exclusivamente interno, mas com a aquisição de equipamentos de alojamento pelos turista de outros países do Mercosul, mormente os argentinos, ocorreu o aparecimento, dentro dessa classe, do fluxo receptivo internacional continental. Tal fato leva a pensar em uma nova classificação do fluxo turístico sedentário-residencial-estaciona-internacional-continental com características bastante próprias de uma fonte emissora do Cone Sul para um ou mais centros receptores do Brasil. A permanência mais prolongada reflete-se diretamente nos gastos dos turistas, que são maiores em função dos custos de manutenção. Por derradeiro, observa-se que esse fluxo tende a proporcionar, de maneira mais acentuada, a participação da família com a presença marcante de crianças e adolescentes, fato que influirá na diversificação da oferta de equipamentos de recreação e entretenimento.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

1. A Revista **Turismo - Visão e Ação** tem por objetivo publicar trabalhos científicos, artigos, ensaios e resenhas, desde que atendam aos objetivos de divulgação de produção científica da área de Turismo e Hotelaria.
2. Os trabalhos serão submetidos à Comissão Editorial da Revista, que decidirá sobre a pertinência de sua publicação, sujeita ou não a modificações solicitadas ao autor. A simples remessa de originais não implica, obrigatoriamente, na sua publicação.
3. O material para publicação deverá ser encaminhado em disquete, digitados preferencialmente no editor de textos Word 95 (7.0), ou em versão mais recente, acompanhado de duas cópias impressas, em espaço simples. Aceitam-se, também, artigos por e-mail: mestrado@mbbox1.univali.rci-sc.br.
4. A Revista **Turismo - Visão e Ação**, é uma revista bilingüe, de alcance internacional. Aceitam-se trabalhos em português, inglês e espanhol. No entanto, sua publicação será sempre em português e inglês.
5. A Revista **Turismo - Visão e Ação** também aceita resenhas e opiniões ligadas à área temática.
6. A estrutura do trabalho deve ser a seguinte:
 - 6.1 Título do artigo, nome do(s) autor(es) em ordem direta, cargo e titulação dos autores, instituição de origem, endereço eletrônico, logo após o nome;
 - 6.2 Acompanha o material um resumo de, no máximo, dez linhas e o correspondente abstract em inglês. Palavras-chave, até 5 termos, em português e inglês;
 - 6.3 As notas de rodapé, quando existirem, devem ser indicadas no final do texto. Gráficos, quadros ou tabelas, quando existirem, devem seguir em separado, de preferência no final do texto, numerado de acordo com a referência do corpo do texto, em ordem numérica. Ex.: Gráfico 1, Tabela 2, Quadro 3.
 - 6.4 As Referências Bibliográficas devem ser apresentadas segundo as normas da ABNT. A exatidão das referências é de responsabilidade do(s) autor(es). Exemplos:
 - 6.4.1 Livros: SOBRENOME, Nome. Título grifado, Local: Editora, Ano de publicação. Ex.:
ANDRADE, J.V. **Turismo - fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1997.
 - 6.4.2 Coletânea: SOBRENOME, Nome. Título não grifado. In: SOBRENOME, Nome (org.). Título grifado, Local de Publicação: Editora, ano de publicação, páginas respectivas; Ex.:
WESTERN, D. Definindo ecoturismo. In: LINDBERG, K.; e HAWKINS, D.E. (org.). **Ecoturismo, um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995, p.15-22.
 - 6.4.3 Artigo: SOBRENOME, Nome. Título do artigo não grifado. Título do Periódico grifado, volume e número, página inicial e final, ano de publicação. Ex.:
MITROFF, I. Crisis Management and Environmentalism: A Natural Fit, **California Management Review**, v.36, n.2, 101-113, 1994.
 - 6.4.4 Teses: SOBRENOME, Nome, Título da Tese grifado. Local de apresentação: ano, (Mestrado) ou (Doutorado), Instituição em que foi defendida. Ex.:
OLIVEIRA, Josildete Pereira de. **Les Impacts sur l'Environnement Produits par les Résidus Industriels**. France, 1995, (Doutorado), Université de Caen-Basse Normandie.